

MARES DE CURA: MULHERES QUE PERFORMAM

DAYANNA MICHELLE CANON PEREZ¹; MARÍA PAULA CARVAJAL AGUDELO²;
NÁDIA DA CRUZ SENNA³; GISELLE MOLON CECCHINI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – dayis.canon.123@gmail.com

²Universidad Pedagógica Nacional – mpcarvajala@upn.edu.co

³Universidade Federal de Pelotas – alecrins@uol.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – giselle.cecchini@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência da performance *Mares de Cura*, criada por Dayanna Perez, Maria Carvajal, Gessyca Silva, Adriana Rodriguez e Giselle Cecchini, baseada na música *María la Curandera*, da cantora e compositora mexicana Natalia Lafourcade. A ação foi realizada pelo Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Giselle Cecchini.

A autora deste artigo, Dayanna Canon, atua no Programa de Pós-Graduação em Artes, onde desenvolve parte da pesquisa de mestrado sobre narrativas femininas, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Nadia Senna. A acadêmica também foi proponente da ideia da performance artística.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o trabalho criativo desenvolvido por mulheres, como possibilidade de construção de dramaturgias femininas dentro da universidade e na comunidade. Apresentaremos elementos do processo criativo e as reverberações da ação apresentada em dois momentos, no IV Simpósio de Gênero e Diversidade da UFPEL e no 10º Encontro da Mulher em Morro Redondo.

A performance tem desempenhado um papel importante nas possibilidades de enunciação e expressão feminista na cena contemporânea. Segundo Eleonora Fabião (2009), na performance os artistas buscam relacionar corpo, estética e política através de ações e dramaturgias que renovam o modo de agir e pensar, ampliando o olhar do cidadão sobre seu contexto, tempo e espaço.

Nesse sentido, *Mares de Cura* evocou e promoveu o encontro entre mulheres, incentivado através da pergunta: quando você descobriu que era forte? Esta questão permitiu a fala, expressão e reconhecimento das próprias vivências. Levando o conceito de cura como parte central do processo criativo, a performance abriu um espaço de diálogo com o público sobre a resistência e a força feminina, tendo um impacto significativo na comunidade sobre questões de gênero e diversidade.

Mares de Cura foi concebido a partir da coletividade, do acolhimento e da construção de redes seguras, evidenciando a compreensão de que unidas somos muito mais fortes. Ainda enfrentamos uma realidade em que as histórias que conhecemos e vemos permanecem as mesmas em suas estruturas patriarcais. Nossa criação nasceu exatamente da ideia de apresentar narrativas próprias, femininas, reais e contextualizadas, partindo do princípio da cura como um canto, uma fala que valoriza a empatia e a compaixão.

Sendo o canto, também, uma das bases da criação, o elenco entra no fluxo das águas do oceano, e canta a música *María la Curandera*, de Natalia Lafourcade: “Con el vaivén del mar que va y viene, deja que te agarre / Con el vaivén del mar que va y viene, deja que te ame / Cúrate, mi niña, con amor

del más bonito / Y recuerda siempre que tú eres la medicina” (LAFOURCADE, 2022). Palavras entoadas trazem novas frequências e ritmos, e estimulam as memórias da natureza do feminino e do poder de transformação e cura.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido por meio de encontros semanais de criação com as atrizes, durante um mês. Tendo como ponto de partida o conceito de cura, do canto que vibra a natureza e elimina as dores, o encontro do elenco de mulheres para cantar e atuar revelou-se em sua potência. Nos ensaios, já sentíamos a força que representávamos quando tocávamos e cantávamos juntas.

A música *María la Curandera* desempenhou um papel fundamental nesse processo criativo. Ao longo dos encontros, fomos nos aprofundando na análise da letra da música e amadurecendo questões relacionadas à dramaturgia, figurinos, instrumentos, além do trabalho corporal, vocal e performático.

Os encontros foram se enriquecendo a partir da ideia de tecer e contribuir com as habilidades de cada uma. Gessyca, estudante de graduação em Música com ênfase em composição, tocava violão e nos orientava na parte musical. A professora Giselle fazia a preparação corporal e vocal e tocava o tambor, além de orientar os movimentos cênicos e a estética da performance. Maria, aluna do curso de Teatro, desempenhou um papel fundamental como cantora e atriz, enquanto Adriana, do programa de pós-graduação em Agronomia, ofereceu apoio vocal. Eu, Dayanna, do Programa de Pós-Graduação em Artes, fui a proponente da ideia desta performance e atuei como cantora e atriz. Importante considerar que as narrativas femininas são tema da minha pesquisa de mestrado

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Durante o processo criativo, vivenciamos aprendizagens significativas. Primeiramente, com a configuração de um espaço educativo voltado para mulheres, onde cada uma desempenhou um papel essencial na construção de diálogos e narrativas sobre o feminino. Cada encontro foi pautado pelo respeito mútuo e pela liberdade de explorar nossa criatividade, além de refletirmos sobre o que desejávamos transmitir à comunidade. Esse processo ocorreu como uma rede que se fortalecia a cada novo encontro.

Nas apresentações realizadas durante o IV Simpósio de Gênero e Diversidade da UFPEL e o 10º Encontro da Mulher em Morro Redondo, os resultados dos ensaios se tornaram evidentes. No início, entrávamos cantando suavemente parte do refrão da música, e cada uma assumia sua posição. Gessyca, com seu violão, sentava-se em uma cadeira à frente, enquanto a professora Giselle, ao seu lado, tocava um tambor, acompanhada por Adriana. Em seguida, Maria e Dayanna entravam caminhando com duas velas acesas, que eram colocadas no chão, delimitando o espaço entre nós e o público.

Como mencionado, a música *Maria La Curandeira* foi vital, tanto no processo criativo quanto na performance final. Ela guiava o motivo, com cada estrofe abordando a cura por meio da lua, do sol, da água, do vento e das ervas. O fogo também foi evocado como o elemento que transforma dores em cinzas. A música, repleta de poesia, destacava a importância de se conectar com a natureza. Em um dos momentos, utilizamos um tecido *voal* azul claro, simbolizando o mar. As atrizes dançavam e atuavam sobre ele (Figura 1).



Figura 1 – *Mares de Cura*, no 10º Encontro da Mulher, em 09/03/2024, Morro Redondo. Fonte: Acervo pessoal

Na sequência, ativamos a expressão e escuta coletiva, cada atriz compartilhou uma lembrança, um momento em que descobriram que foram fortes. Depois deste momento, as mulheres que assistiam eram convidadas a responder à pergunta: Quando você descobriu que era forte? Usando a flor como símbolo da palavra, as mulheres ficavam em pé, recebiam a flor e falavam sobre sua experiência. Por último, a performance encerrava com agradecimento por todas as falas e experiências compartilhadas das mulheres.

Escolhemos a performance como uma linguagem abrangente que nos permitia explorar diversas possibilidades cênicas. Queríamos cantar, mas também fazer perguntas, ouvir aquelas que nos prestigiavam, e escutar suas versões das histórias, gerando conexões. Para a autora Luciana Lyra (2018), a performance representa um caminho transdisciplinar e híbrido, que reúne várias linguagens artísticas. No caminho de criar uma dramaturgia feminista, ela permite a construção de novas memórias e tecituras coletivas.

Durante as apresentações, percebemos as reverberações do público, especialmente de mulheres que abriram seus corações para nós. Muitas vinham conversar conosco após as apresentações, algumas com lágrimas nos olhos, conectando-se conosco de forma afetiva. Essas experiências nos fizeram perceber nossa arte como um dispositivo capaz de evocar histórias e memórias de mulheres. Conseguimos criar um espaço seguro de diálogo, empatia e aprendizado mútuo, onde cada voz era valorizada. Aspiramos, com isso, inspirar outras mulheres a se unirem em torno de suas próprias histórias, promovendo uma cultura de cura, resistência e solidariedade.

Também percebemos como fomos acolhidas pelas organizadoras dos eventos feito por mulheres. Foram realmente espaços de resiliência e reciprocidade (Figura 2). Não fomos apenas nós, transmitindo uma mensagem; pelo contrário, vimos novas versões e narrativas sobre o que significa ser mulher, mãe, professora e amiga celebrando a diversidade e reconhecendo como nos fortalecemos em cada uma dessas histórias.

Deste modo, o objetivo de evocar e promover o encontro entre mulheres foi alcançado, ao reunir, especialmente nos dois eventos, o pensamento feminino. Além disso, a performance buscou estimular uma reflexão coletiva em torno da pergunta: Quando você descobriu que era forte? Voltar para si mesma e compartilhar com um grande grupo um momento pessoal não é tarefa fácil. Mas as falas foram encontrando coragem e força na medida em que foram sendo libertas. As experiências e as emoções foram compartilhadas entre mulheres.



Figura 2 – Mares de Cura,
no IV Simpósio de Gênero e Diversidade da UFPEL, em 30/11/2023
Fonte: Acervo pessoal

4. CONSIDERAÇÕES

De forma poética e estética, a extensão, a pesquisa e o ensino estão entrelaçados nesta ação. As experiências vividas ao longo deste processo criativo demonstraram a potencialidade da performance feita por mulheres da UFPEL e da comunidade em geral, pois a arte se efetiva no espaço do “entre” as dimensões e entre todos os participantes.

Mares de Cura foi uma criação inspiradora, sobretudo em seu compartilhamento com a comunidade. Ressaltamos a cura como um aspecto fundamental da vida. A possibilidade de criar narrativas femininas a partir dos enfrentamentos conscientes dos desafios físicos, emocionais e espirituais que trazemos em nós é uma conquista expressiva, no âmbito individual e coletivo.

Por meio da música, do canto, da dança e do diálogo poético entre as artes, conseguimos não apenas transmitir nossas mensagens, mas também criar um espaço seguro onde as histórias e memórias de cada mulher foram valorizadas. Esse processo não só nos fortaleceu, mas também inspirou outras mulheres a se unirem em torno de suas próprias histórias.

Reafirmamos a importância da escuta e da expressão, para que as narrativas femininas da comunidade em geral ecoem, libertem, curem. Celebramos os cantos e os encontros entre mulheres, reconhecendo que cada história compartilhada é como um passo na direção de uma sociedade mais inclusiva, empática e humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, v. 8, p. 235-246. São Paulo, 2009. ISSN 2238-3867.

LAFOURCADE, María. **LA CURANDERA**. Sony Music Entertainment México, S.A. de C.V, 2022. Música de (6,30 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8eDeLKWx74>. Acesso em: 03/08/2024

LYRA, Luciana de Fatima. Por uma dramaturgia feminista: jornadas de f(r)icção. **Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2**, v. 2, n.6, p. 64 – 74. 2019. DOI 10.22533/at.ed.9011921117.